

Ao São Luiz chega um *Titanic* destravado a colidir com a identidade

Gonçalo Frota

Transatlântico, encenação de Ricardo Neves-Neves para a Companhia Maior, pega num texto alucinado de Christopher Durang

Diz-se *Titanic* e os olhos enchem-se de imagens de Leonardo DiCaprio e Kate Winslet como desmedido par romântico, os ouvidos são assaltados pela voz de Céline Dion, e a imaginação coloca-nos em rota de colisão com um icebergue. Só que Jack (DiCaprio) e Rose (Winslet) eram projecções ficcionais do realizador James Cameron, duas vidas inventadas entre as 2240 que seguiam, em 1912, a bordo do maior navio de passageiros jamais construído, fadado ao desastre. Mas antes já Christopher Durang, dramaturgo norte-americano dado a textos com generosas doses de delírio e de absurdo, fantasiara acerca de outras vidas que seguiam no *Titanic*. Por exemplo, Richard e Victoria, o seu par muito pouco romântico que iniciava a peça, de 1976, logo num desgastado conjugal – Richard fazendo o seu *coming out* e confidenciando à mulher que era realmente feliz nos bares homossexuais de Londres, Victoria ripostando que o filho de ambos, Teddy, era filho apenas dela, fruto de um impulso quando certa noite se cruzou com um vagabundo numa praia.

E assim Durang atira-nos em *Titanic* para um carrossel de guinadas



JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

Para Ricardo Neves-Neves, o elenco da Companhia Maior “tem um grande sentido de humor”

imprevistas, num crescendo de revelações tresloucadas a um ritmo vertiginoso, ao longo do qual descobrimos que Annabella (irmã de Teddy) não terá sido parida por Victoria, mas pela irmã desta, Harriet, ou que, afinal, até nem existe, e Richard terá tido um *affair* não com Harriet mas com um pedaço de pão. Por sua vez, Teddy é um rapaz de 20 anos apresentado pelos “pais” como tendo 12, 9 ou 7 anos, conforme os momentos da peça, enquanto Harriet acomoda animais de estimação “dentro do pipi”.

Que um texto tão desabrido tenha conquistado Neves-Neves, profundo entusiasta do sentido do ridículo em cena e da completa ausência de limites para a imaginação, não espanta; será talvez mais surpreendente que o encenador, há muito interessado em levar a palco o texto de Durang, tenha escolhido fazê-lo agora com a sénior Companhia Maior – de hoje a 26 de Junho no Teatro São Luiz, Lisboa, e a 8 e 9 de Julho no Cineteatro Louletano, em Loulé.

Renomeada como *Transatlântico*,

a adaptação do texto de Durang por Neves-Neves começou a tomar forma após uma conversa do encenador com a direcção da Companhia Maior – em que se tornou claro que fora convidado na expectativa de que trouxesse consigo a comédia e a música que costumam habitar os seus espectáculos. “Não é que me sentisse obrigado, mas fiquei feliz por poder trabalhar novamente música e comédia, duas áreas de repetição e até de estudo naquilo que tenho feito”, diz Neves-Neves ao PÚBLICO. Depois das pri-

meiras sessões de trabalho, tornou-se óbvio para o encenador que o elenco da Companhia Maior “tem um grande sentido de humor e não tem medo do ridículo”. E foi então que avançou com a solução de desdobramento das personagens em duplas e trios, de forma a integrar todo o elenco. “Gosto de trabalhar diferentes versões da mesma personagem e acho interessante para o espectador perceber que as mesmas palavras funcionam de maneira distinta quando saem da boca de diferentes pessoas.”

O facto de a escrita de Durang sugerir, a espaços, incesto ou pedofilia – mas num “espírito de ingenuidade, de uma candura algo infantil”, e em que nada pode ser tomado muito a sério – levou a que, durante os ensaios, Neves-Neves debatesse com o elenco os limites do humor. Sabendo que será impossível estarem sintonizados “com a moral, a ética e a sensibilidade de toda a gente”, optaram por não deixar que a possibilidade de ofensa do público colocasse um travão.

Sob a superfície de *Transatlântico* corre um permanente questionamento da identidade. Não enquanto sentido de missão e tentando trabalhar sobre “as inquietações do mundo”, mas antes visível numa personagem que começa por se chamar Lydia até se transformar em Harriet e depois em Annabella. As personagens são alguém num momento, mas podem ser outrem logo a seguir. Para o encenador, tem que ver com a “forma como olhamos para os outros”.